

As muitas águas da leitura

Português

Enviado por:

Postado em:29/10/2012

Por Marta Morais da Costa Já tratei de leitura em muitos textos, já falei para algumas plateias, já tentei esclarecer algumas conclusões que o trabalho com a formação de leitores acumulou em meu currículo. Posso afirmar, com segurança, que obtive alguns resultados positivos no convencimento da importância da leitura para as pessoas e para o grupo social em que atuam. Em outras ocasiões, a resposta não foi tão estimulante assim. Professores me consideraram idealista demais, crianças me consideraram uma avó “se achante”, colegas de universidades não hesitaram em me denominar “especialista em leitura” — a mim, que sei que nada sei, verdade aprendida com o filósofo Sócrates —, avaliadores de meus livros julgaram-nos imperfeitos, equipes de editoras acreditam que posso prestar alguma consultoria de valor no quesito leitura. Como insegurança não é a mais perfeita de minhas qualidades pessoais, considero que julgamentos tão divergentes não me causaram maiores traumas profissionais. Em todo caso, como não desejo, de forma alguma, motivar uma avaliação negativa de meu texto nos leitores deste espaço, quero começar declarando algumas posições ético-político-científicas a respeito da leitura. Como muitas pessoas de valor já o disseram — e com elas eu concordo — a leitura vai além da alfabetização, da capacidade de identificar palavras ou frases. A leitura tem a ver com interpretação, com a compreensão de frases e textos organizados (habilidade indispensável) e a compreensão das entrelinhas, presentes em qualquer texto, e que requerem a participação ativa do leitor. As palavras dançam diferentes ritmos de acordo com os diferentes pares das contradanças textuais. O significado tem o dom de alterar-se dependendo dos contextos em que palavras e frases se situam. E quem vai buscar uma determinada coerência nessa flutuação semântica é o leitor. Portanto, ler não é reconhecer o código linguístico; ler é compreender contextos textuais, é escolher, entre os sentidos possíveis de um texto, aquele que para o leitor apresenta alguma coerência. Por extensão, interpretar não é estabelecer um sentido único, ou mais nocivo ainda, reproduzir o pensamento expresso pela maioria dos leitores. Também esclareço que leitura rima perfeitamente com literatura; mas, para mim, acompanhando Drummond, ilustração rima não é a solução. Todos nós lemos textos dos mais diferentes gêneros diariamente em nossa vida social e individual (cartazes, folhetos, embalagens, a diversidade textual dos jornais e revistas, as mensagens nas redes sociais, páginas de livros os mais variados e muitos outros). Também não nos restringimos a lidar com a linguagem exclusivamente verbal e somos envolvidos pelo visual, pelo auditivo, por suas combinações e diferentes suportes (computador, cinema, televisão). Enfim, quando eu tratar de leitura, não estou me restringindo aos livros de literatura. Essa é uma confusão frequente: pergunte a alguém se ele gosta de ler e poderá ouvir como resposta: “Gosto, sim, mas não tenho tempo — ou interesse — para ler romance”. Pergunte a outra pessoa que livros leu recentemente e ela pensará de imediato que você quer saber sobre a leitura da literatura. E pode, numa caricatura, responder: “Não perco meu tempo com histórias que não existem — ou não servem para nada”. Vou falar de leitura em sentido amplo, mas paradoxalmente preciso saber ler textos. Sem distinção de gêneros textuais. Fui muitas vezes surpreendida — e interrompida — quando lia em filas ou salas de espera por pessoas bem intencionadas que entendiam que, se eu estava lendo um livro, é porque estavam com problemas, entre eles o da

solidão. Para me fazer companhia e me tirar da depressão, elas se propunham a interromper minha leitura sedutora. Como provavelmente não eram leitoras, elas não entendiam que ler não é um ato solitário ou fruto da solidão: o leitor está sempre acompanhado, não apenas do autor do texto que lê, mas de todos os leitores desse mesmo texto que o antecederam; também de todos os escritores que foram lidos para que o autor do texto presente pudesse escrever o que escreveu. Em suma, a cadeia de autores e leitores remonta a passados remotos e forma uma “trança de gente”, bela imagem criada por Ana Maria Machado. Antes de tudo, ler é uma ação solidária de integração na história da cultura. Ao ler, estou só fisicamente; mas mental, imaginária e intelectualmente, estou bem (ou mal) acompanhado. Por isso, antes de interromper, com boas intenções, a leitura de alguém embevecido, pense que pode estar cortando — temporariamente — o fio humano que tece a história da cultura. Esclarecidas essas três linhas de compreensão, a saber, leitura não é ação exclusiva para a literatura; ler não é apenas reproduzir um texto, mas interpretá-lo, compreendê-lo; ler, é compartilhar e conviver com a história e a cultura, vou verificar como esses princípios podem orientar a formação de leitores. Convém lembrar que para desenvolver um bom trabalho de criação e formação de leitores é preciso acreditar que a leitura representa um requisito indispensável e irrecusável para o crescimento pessoal e profissional e para o desenvolvimento de um país em todos os setores de atuação da sociedade que lhe dá existência. A necessidade de mediadores Na origem da história de cada leitor está um mediador. Seja um parente (pais, avós, tios, irmãos), um amigo, um professor, um religioso, um jornalista, em qualquer espécie de interação social — conversas, aulas, saraus, pregações, filmes, mídia impressa. Pense comigo, leitor, nas possíveis situações em que pode nascer um leitor. A audição de um disquinho de histórias infantis, objeto do passado. Um livro eletrônico infantil ou de pano ou de plástico, objetos do presente. Uma história sussurrada no momento da chegada do sono, na voz carinhosa de quem se quer bem. A fala do amigo que se admira ou do grupo em que se busca a inclusão. Um comentário em roda de conversa sobre assunto científico ou curiosidade histórica. Em todos eles, o leitor pode estar ali, ainda desconhecido para ele mesmo, mas já apto a absorver o encantamento e a informação, a considerá-los valiosos. É o passo inicial para viver o desejo de reencontrá-los nos mais diversos objetos de leitura. Nem sempre o mediador (amigos, pais, professores...) precisa ter qualificação pedagógica ou científica, mas é imprescindível que ele desempenhe sua função com entusiasmo de quem foi afetado pelo assunto, pelo livro, pelo texto. Imagine que uma pessoa deseja convencer um amigo a assistir a um filme e para tanto faz um relato aos tropeços, sem emoção, monótono. Mesmo um filme bom não resiste a uma apresentação medíocre. No entanto, um filme ruim pode ser embelezado por uma retórica emocionada. Sem deixar de ser um filme ruim. Uma entrada segura para o mundo da leitura pode estar numa mediação de qualidade. A vida do leitor em seu nascimento é, como a vida em geral, também um espaço-tempo de contradições. Reagimos ao ruim, ao mal feito, à imperícia, buscando em outras fontes a perfeição. Quem não tem livros em casa, procura entre as estantes da biblioteca. Quem não teve uma avó que lhe contasse histórias, vai em busca das crianças que a tiveram. Quem não ouviu a discussão sobre um assunto que lhe interesse, pergunta, pesquisa, incomoda (se) até encontrar quem ou o quê sacie sua curiosidade. Os textos e livros interessam porque preenchem faltas e lacunas e matam a sede de respostas. A pluralidade da leitura Leitores são como a vida: histórias diversificadas, ora cômicas, ora trágicas, ora monótonas, ora carregadas de aventuras. Analisando o leitor ou a leitora que somos, constatamos com facilidade o quanto somos volúveis. Gostamos hoje do que acharemos tedioso amanhã. Colocamos valor no livro ou no texto que no futuro poderemos considerar medíocre, equivocado, dispensável. Tratamos, na leitura do presente, de forma diferenciada e em categorias de importância o livro da moda, o ensaio filosófico (histórico, médico, jurídico, etc.), o clássico da literatura, os quadrinhos, a obra gastronômica, o guia de viagens, o jornal. Na verdade mais elementar da leitura, somos, cada um de nós, muitos leitores. Iniciantes nos manuais de uso da tecnologia, doutores nos assuntos que nos afetam profundamente, aprendizes nos temas que

queremos dominar, satisfeitos e relaxados com as obras de fácil leitura e assim por diante. Subimos e descemos os degraus das categorias de leitores com rapidez e alguma facilidade. O leitor, pra valer, é ao mesmo tempo como o malandro oficial de Chico Buarque — está na coluna social, deseja ser malandro federal, tem gravata e capital — e como o malandro pra valer, que tem mulher e filhos, mora longe e “chacoalha no trem da Central”. Assim, o leitor das estatísticas, genérico, impessoal, badalado ou execrado, sob domínio das classificações universais e objeto das políticas empresariais do livro, não é o único que nos habita. Somos, no exercício da leitura, “trezentos ou trezentos e cinquenta”, como Mário de Andrade se definia. Os infinitos acervos Essa multiplicidade permite compreender por que as portas de entrada da leitura são muitas e, por vezes, surpreendentes. Bruxos, vampiros, cabanas, números, fórmulas, imagens, sons podem estar na fonte primeira da sede saciada. O perigo não está nessa fonte, está, sim, em converter a fonte em único lugar onde se pode beber. Há lagos, rios, corredeiras, cascatas e oceanos, em que se apresentam e despenham as águas da leitura. Para beber, para banhar-se, para afogar-se, para aceitar ou recusar. O leitor pode viver sua vida leitora no mesmo lago, mas jamais compreenderá a força do oceano. Pode ler exclusivamente quadrinhos a vida inteira, mas perderá as imagens incompletas dos grandes romances. Pode ler exclusivamente textos científicos, mas perderá o movimento intenso e prismático dos quadrinhos e a força imaginária da literatura. Poderá ler exclusivamente a ficção, mas não aprenderá a intensa liberdade da poesia e o rigor especulativo do discurso histórico. O escritor japonês Haruki Murakami afirma: “Se você só lê os livros que todo mundo está lendo, você só pode pensar o que todo mundo está pensando” . Formar leitores é oferecer às pessoas a oportunidade de descobrirem-se múltiplas na multiplicidade incontrolável dos textos. Marta Morais da Costa é especialista em leitura, professora da Universidade Federal do Paraná, integrante da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio e autora, entre outros, do livro Mapas do mundo. Vive em Curitiba (PR). Notícia publicada no endereço <http://www.candido.bpp.pr.gov.br> e acessada dia 29/10/2012. Todas as informações contidas nela são de responsabilidade do autor.